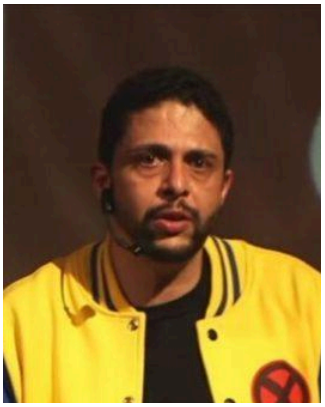
Da desinformação ao *deepfake*: como a IA está mudando a confiança na escola

Por Francisco Tupy, professor de Letramento Digital no Colégio Visconde de Porto Seguro



Você acredita em tudo o que vê? Há algumas semanas estive no maior evento de Educação e Tecnologia do país, com uma provocação que tem se tornado cada vez mais atual: o quanto podemos acreditar em informações que acessamos em sites, plataformas e redes sociais?

Antigamente, a regra era clara: “ver para crer”. Se algo estava registrado em uma foto ou vídeo, aquilo era tratado como uma evidência sólida da realidade. Hoje, com a chegada da chamada evidência sintética (conteúdos criados por IA), essa confiança automática desmoronou. Quando imagem, voz e vídeo podem ser gerados artificialmente, ver deixa de ser prova e vira uma hipótese a ser testada.

Essa mudança de perspectiva pode ser ilustrada por uma evolução rápida do que a tecnologia consegue fazer. Se em 2023 os primeiros vídeos gerados por IA (como os famosos memes do ator Will Smith comendo espaguete) eram bizarros e nitidamente falsos, a evolução técnica em apenas três anos tornou essas simulações praticamente indistinguíveis do mundo real. Ou seja, o real já não é mais estritamente necessário para criar um registro visual ou auditivo.

Mas o que isso tem a ver com a confiança em sala de aula?

Quando tudo pode ser fabricado, a escola sofre um forte impacto na confiança. Isso porque fatos históricos e científicos passam a ser questionados sem fundamento algum, absurdos ganham contornos de verdade e o professor vê sua autoridade pedagógica tensionada em um ambiente saturado por desinformação. Até a avaliação fica comprometida, já que tem sido cada vez mais difícil saber quem realmente produziu um trabalho. Um exemplo disso é quando alunos utilizam ferramentas de IA generativa para falsificar citações em redações, ou quando são “ensinados” por aqueles famosos vídeos de IA trazendo fatos históricos que nunca ocorreram.

Isso significa que, se por um lado a tecnologia avança de forma exponencial, as habilidades dos estudantes também precisam acompanhar esse ritmo para evitar aquilo que os especialistas chamam de “dor social”, que é o descompasso entre a revolução digital e a preparação humana.

Para enfrentar esse cenário, o conceito tradicional de letramento, que antes significava apenas ler e escrever textos, precisou ser ampliado. Hoje não basta consumir passivamente conteúdos, agora o estudante precisa desenvolver o que chamo de “multiletramento de realidade”, que consiste em oferecer aos jovens a habilidade de operar os meios tecnológicos, mas também de conseguir interpretar o sentido e as narrativas das mensagens.

Para entender o tamanho desse desafio, a comunidade escolar precisa ver que a Inteligência Artificial não mexe apenas com a superfície das notícias; ela reconstrói o que consideramos real. Pense na evolução: primeiro, tínhamos a televisão ou o jornal tradicional, que apenas registravam o mundo real. Recentemente, no entanto, tivemos contato com a IA generativa, que consegue criar um vídeo do zero (como aqueles em que celebridades aparecem falando coisas que nunca disseram). Agora, extrapolamos essa etapa e chegamos aos "gêmeos digitais", que são clones virtuais programados para imitar o comportamento, a voz e o jeito de uma pessoa real.

Nos bastidores, essa engrenagem funciona como uma linha de produção alimentada pelas nossas próprias pegadas na internet - ou seja, cada curtida, foto, áudio de WhatsApp ou busca que fazemos serve de combustível para os computadores aprenderem a imitar os humanos. O resultado são conteúdos falsos que parecem perfeitos, distribuídos de forma invisível por feeds projetados para prender nossa atenção e influenciar nossa opinião, criando um ciclo onde nós navegamos e, ao mesmo tempo, ensinamos as máquinas a ficarem mais espertas.

Essa reviravolta muda completamente o papel do professor em sala de aula. Se antigamente o desafio era ensinar o aluno a descobrir se um texto era "verdadeiro ou falso", hoje a urgência é fazê-lo entender quem ou o que está do outro lado da tela. Quando um estudante assiste a um vídeo explicativo sobre história, por exemplo, ele precisa saber: estou ouvindo um professor de verdade, um robô dublado ou um clone digital feito por IA? E se esse robô ensinar algo errado ou preconceituoso, quem é o responsável? Para criar esse olhar crítico, o ensino precisa ir além da superfície.

Os alunos precisam virar "detetives da internet", investigando de onde veio o conteúdo, como ele foi fabricado, por que o algoritmo escolheu mostrar aquilo justamente para eles e qual era a real intenção de quem criou o post. Os jovens precisam entender que ver ou ouvir algo na internet não é mais garantia de que aquilo aconteceu. Afinal, quando deixamos que os algoritmos decidam sozinhos o que vai aparecer na nossa tela, perdemos o controle. Isso molda as emoções e a opinião dos alunos antes mesmo que eles consigam parar para raciocinar.

Por isso, preparar os estudantes para o futuro exige muito mais do que apenas ensiná-los a ligar um computador ou usar aplicativos de edição. A escola precisa trabalhar quatro habilidades práticas:

- **Letramento digital:** saber usar as ferramentas, configurar a privacidade e navegar com segurança.
- **Letramento midiático:** analisar criticamente o que assiste, identificando se um vídeo de rede social tem fontes confiáveis ou se é pura manipulação.
- **Letramento algorítmico:** entender a lógica invisível das plataformas (como o "Para Você" do TikTok), percebendo por que certos vídeos são recomendados e outros não.
- **Letramento criativo:** saber produzir e compartilhar seus próprios conteúdos, memes e trabalhos escolares com ética, respeito e responsabilidade.

Sem um plano pedagógico bem estruturado pelas escolas, será impossível criar uma relação saudável com o mundo digital. Cabe à escola mostrar como a arte de enganar mudou: se no passado os mitos e boatos viajavam devagar e dependiam do “boca a boca”, a tecnologia atual transformou a criação de mentiras em algo instantâneo e gratuito. Se antigamente era preciso um estúdio de cinema milionário para alterar uma imagem, hoje qualquer pessoa com um celular na mão consegue criar uma simulação perfeita e espalhar para milhares de pessoas em segundos.

O mais importante, no entanto, é entendermos que a realidade pode ser gerada artificialmente, mas a confiança, não. A escola que opta por ignorar o avanço de *deepfakes* perde uma oportunidade preciosa de ajudar seus alunos a compreender o próprio mundo em que vivem. Torná-los leitores críticos da realidade digital é o único caminho para que deixem de ser consumidores passivos e passem a ser cidadãos conscientes.